

Políticas educacionais e cidadania

Nelson Pretto

Fala-se muito hoje em dia que a solução para os grandes problemas educacionais se dará através da implantação de programas de educação a distância, como se isso, por si só, pudesse garantir a universalização da educação e a formação do trabalhador brasileiro. Penso que discutir educação a distância (EAD) no Brasil de hoje é, mais uma vez, reiterar as constantes e importantes discussões sobre a educação no seu sentido mais amplo. De nada adianta programas de apoio à implantação de cursos a distância se estes reproduzirem, de forma quase que automática, os mesmos problemas da educação dita presencial. O que está em jogo, contemporaneamente, não são exatamente as tecnologias e metodologias que deveriam ou estão sendo usadas na EAD mas, essencialmente, a concepção de educação e, mais especificamente de currículo, adotadas nesses programas. Além disso, neste mundo do tempo alucinado da computação, o tempo do nanosegundo, que tenta determinar o cotidiano econômico, social e cultural de praticamente todas as pessoas e em todos os cantos do país, não nos basta pensar em projetos e políticas educacionais que não estejam intimamente associadas com políticas públicas que envolvam outras áreas, especialmente Ciência & Tecnologia, Cultura e Comunicações. Vejo como fundamental para o desenvolvimento da EAD no Brasil o pleno envolvimento dos estudantes das Faculdades de Educação, especialmente do sistema universitário público, em programas que adotem plenamente o universo das tecnologias da informação e da comunicação na formação dos futuros professores.

As reformas da universidade que o governo Lula está tentando implantar, muitas vezes, pecam pelo fato de não considerarem as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) como parceiras do MEC nesta empreitada. Parceiros que precisam ser ouvidos e respeitados.

Sabemos que o sistema público de ensino superior possui vários problemas que precisam ser atacados. Mesmo com todas as dificuldades, ainda encontramos espaço para fortalecer a idéia de que é função da universidade pensar sobre o seu próprio futuro e não simplesmente sair correndo atrás de produzir artigos e publicações de qualquer tipo para acumular pontos num sistema de avaliação que mais se parece com um taxímetro marcando o valor de uma corrida. Uma corrida pelos números!

O que temos visto ao longo destes últimos tempos foi um esvaziamento das verbas para a universidade pública com uma verdadeira privatização interna, através de incentivos quase explícitos para a criação de *unidades dentro de unidades*, com a perda total da idéia de conjunto. Instalou-se a velha lógica do “cada um por si e *nem* “deus” por todos”.

O que tem destruído, quase cotidianamente, a universidade pública brasileira é essa idéia de considerar que o mercado resolve tudo, instalando-se uma lógica – perversa! - de *ranking*, estimulando a competição e o individualismo. Aqui na Bahia chega-se ao extremo quando a própria UFBA cai nessa armadilha e, a partir da avaliação realizada por um órgão de imprensa, vai para as ruas com um *outdoor* proclamando ter “a melhor graduação do Norte e Nordeste”.

Estar na frente... coisa mais estranha! é inevitável pensar em Caetano Veloso, em recente entrevista: “Não estou em cima do muro... estou **acima!!!**” Acima como deveria estar uma

universidade que é pública justamente pela sua **função** pública, pela sua obrigação de criar conceitos e não de ser uma mera reprodutora de lógicas pensadas alhures.

Acima como, modestamente, acreditamos estar na Faculdade de Educação da UFBA com a nossa determinação de defender um sistema de educação superior que seja público, gratuito, laico e de qualidade, aberto à toda a população mas com uma política de cotas que privilegie os historicamente desprivilegiados. Acima quando, com o apoio da Petrobrás, implantamos os *Tabuleiros Digitais*, abertos, sem controles e usando software livre [<http://www.tabuleiro.faced.ufba.br>] para que os futuros profissionais da educação possam ajudar a construir a tão badalada sociedade da informação e não sejam dela meros consumidores ou, quem sabe, espectadores.

Estamos, portanto, contribuindo para a construção de outra perspectiva de sociedade e de educação, que não tenha na lógica da distribuição de informação o seu elemento mais forte. Aqui, o que nos interessa é o fortalecimento do aluno numa perspectiva cidadã. Uma cidadania plena! Queremos contribuir para que cada envolvido no processo, de forma individual e coletiva, seja um produtor de cultura e de conhecimento e não um mero receptor de informações, geralmente produzidas e geradas a partir dos grandes centros.

Nelson Pretto [<http://www.pretto.info>] é Diretor da Faculdade de Educação da UFBA [<http://www.faced.ufba.br>]